



A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Antonia Kecya França Moita Costa¹

Iza Maria Coelho Moita²

Leonardo Emanuel de Oliveira Costa³

RESUMO

A Família e escola precisam trabalhar juntas para promover um melhor desempenho dos alunos. Objetivou-se com este estudo propiciar uma reflexão crítica sobre a importância da interação escola-família no processo de ensino aprendizagem. Foi realizado um estudo prático-reflexivo sobre a promoção da aprendizagem significativa, proporcionando melhoria no desempenho dos alunos a partir da maior participação da família na escola. O estudo foi organizado em três partes: primeiramente abordamos as principais visões dos pesquisadores sobre a ação da família na escola. Seguida pela reflexão sobre as principais limitações encontradas pelos alunos e professores, associadas a participação da família na escola. Para finalizar, apresentamos os dispositivos de acompanhamento, avaliação e mencionamos as expectativas e os possíveis empecilhos, de forma a colaborar com as ponderações sobre o papel da família na transformação da qualidade do ensino, além de indicar possíveis soluções por meio de ações a serem realizadas através da parceria escola-família-comunidade.

Palavras-chave: Escola. Família. Aprendizagem.

¹Doutorado e mestrado em Genética e Melhoramento. Especialização em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Professora Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8764-1876>. E-mail: kecyamoita@ufrj.br

² Especialista em Literatura-UFC e Em Educação-UFJF. Graduada em Letras-Português/Literatura e Italiano /Literatura (UFC). Professora lotada na Secretaria de Educação do Estado do Ceará na Coordenadoria de Planejamento da Rede Escolar -COESC, na CEPOR. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-6564-0275>. E-mail: izamcm@gmail.com

³ Doutorado e pós-doutorado em Microbiologia Agrícola. Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Coordenador do STAND NERD e do Coletivo Nerd Stanley Lieber. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4375-9298>. E-mail: leonardo.costa@ifrj.edu.br

THE IMPORTANCE OF SCHOOL-FAMILY INTERACTION IN THE EDUCATIONAL LEARNING PROCESS

ABSTRACT

The family and school need to work together to improve student's performance. The goal of this study was to provide a critical reflection on the importance of school-family interaction in the teaching-learning process. A practical-reflexive study was conducted about promoting meaningful learning, leading to an improvement in student performance through increased family involvement in the school. The study was organized into three parts: we began by addressing the main perspectives of researchers regarding the role of the family in the school. This was followed by a reflection on the main limitations encountered by students and teachers, associated with family involvement in the school. To conclude, we present the mechanisms for monitoring and evaluation, and we mention the expectations and potential obstacles to contribute, to considerations about the role of the family in transforming the quality of education, as well as indicating possible solutions through actions to be carried out through the school-family-community partnership.

Keywords: School. Family. Learnership.

LA IMPORTANCIA DE LA INTERACCIÓN ESCUELA-FAMILIA EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE

2

RESUMEN

La familia y la escuela necesitan trabajar juntas para promover un mejor rendimiento de los alumnos. El objetivo de este estudio fue proporcionar una reflexión crítica sobre la importancia de la interacción escuela-familia en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Se realizó un estudio práctico-reflexivo sobre cómo promover el aprendizaje significativo y mejorar el rendimiento de los alumnos mediante una mayor participación de la familia en la escuela. El estudio se organizó en tres partes: en primer lugar, se analizaron los principales puntos de vista de los investigadores sobre la actuación de las familias en la escuela. A continuación, reflexionamos sobre las principales limitaciones encontradas por alumnos y profesores en relación con la participación de las familias en la escuela. Por último, presentamos los mecanismos de seguimiento y evaluación y mencionamos las expectativas y los posibles obstáculos, con el fin de contribuir a las reflexiones sobre el papel de la familia en la transformación de la calidad de la enseñanza, así como indicar posibles soluciones a través de acciones a realizar mediante la asociación escuela-familia-comunidad.

Palabras clave: Escuela. Familias. Aprendizaje.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa atividade laboral tivemos, em algum momento, a oportunidade de trabalhar com o atendimento do aluno de ensino básico, seja no ensino fundamental, médio ou EJA. Essa experiência nos trouxe o

questionamento de como aconteceu a retroação dos seguimentos educacionais, tendo em vista que as condições escolares melhoraram, no que diz respeito as instalações, ao uso de equipamentos que auxiliam as aulas, o nível de escolaridade dos professores, verbas direcionadas ao livro didático, vários projetos que possibilitavam a escola de participar de projetos, com dinheiro direto na escola e muitos outros recursos que permitiram a melhora das condições escolares, para agravar, nos últimos anos passamos por uma pandemia em que os professores e as instituições de ensino tiveram que se reinventar, se adaptar as novas condições sanitárias e depois do retorno, as atividades presenciais, observou-se que a escola não possui atratividade para que o aluno desfrute de uma vida escolar plena.

Temos a nítida compreensão de que garantir saúde e educação de qualidade à população exige vontade, determinação política e compromisso dos governantes e de toda a sociedade civil. Como parte dessa sociedade, compreendemos que devemos envidar todos os esforços possíveis para o fortalecimento de uma melhor qualidade de vida oportunizada, principalmente, através da educação, ainda mais sabendo que esta deve ser resultante do esforço solidário, não só do poder público, como também de outras forças e atores que a ele se associam neste compromisso. A educação nacional, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, passou por transformações profundas que, conseqüentemente, mudaram as práticas sociais e a organização dos Sistemas de Ensino, desde a Educação Infantil ao Ensino superior, no sentido de superar procedimentos tradicionais e romper paradigmas.

O que observamos é que nenhum seguimento da sociedade conseguirá realizar esse feito sozinho. É importante que comunidade e escola trabalhem juntas para que sejam observados os melhores desempenhos e possamos construir um mundo melhor para se viver, trabalhar, aprender e, por que não, se divertir.

O problema identificado é enfrentado por todas as escolas. Algumas vezes, devido ao descaso das famílias, outras vezes falta de informação. Nessa perspectiva, colocamos como questão norteadora desta pesquisa: Qual

impacto que a participação mais efetiva da família causará sobre o desempenho dos alunos na escola?

Os alunos pesquisados pertenciam as escolas de Ensino Médio do município de Tianguá e estavam matriculados no Centro de Educação de Jovens e Adultos, CEJA-Tianguá, em regime de progressão parcial, com o objetivo de recuperar as disciplinas pendentes dos anos anteriores.

Entretanto, para realização de tal pesquisa, buscamos ter objetividade e clareza de forma a não nos restringir ao senso comum, que os julgamentos tivessem embasamento teórico e que pudessem levar a reflexão educadores e pais, para que pudessem mudar seus pensamentos e, juntos, pudéssemos fortalecer a escola e garantir o aprendizado dos alunos.

Por acreditar que podemos contribuir com a melhoria do ensino e apoiar os educadores em sua prática, buscamos investigar as principais causas das dificuldades de aprendizado apresentadas pelos discentes do Ensino Médio da rede pública de ensino, do município de Tianguá e de que maneira poderíamos tentar resolver essa problemática, enfatizando não só as práticas pedagógicas, como também, apresentação de estudos mais elaborados na área da psicologia comportamental, como forma de encontrar respostas que expliquem a importância da família na escola, como elas atuam sobre os alunos, maneiras de atrair essas famílias a participarem mais efetivamente e como a família reagiria a essa situação.

Buscamos respostas para saber se está havendo alguma diferença na postura dos alunos após a maior interação família-escola-comunidade, e se há melhoria dos índices de desempenho na aprendizagem dos alunos, bem como o maior interesse de estar na escola.

Objetivou-se com este estudo demonstrar o quanto a família pode auxiliar o aprendizado dos educandos, partindo do pressuposto que esses se sentem mais apoiados e, assim, muda a conduta dos filhos e se torna agente, ao invés de meros expectadores, ao participar efetivamente do cotidiano escolar.

2 METODOLOGIA

Para organizar este estudo, procuramos subsídios em autores diversos que discutem o assunto, seguindo a vertente da prática reflexiva na promoção do que acreditamos como aprendizagem significativa. O estudo foi organizado em três partes: iniciamos com as principais visões dos pesquisadores sobre a ação da família na escola, seguido pela reflexão sobre as principais limitações encontradas pelos alunos associadas a participação da família na escola. Para finalizar, apresentadas os dispositivos de acompanhamento e avaliação. Em seguida, foram mencionadas as expectativas e os possíveis empecilhos. Posteriormente, adicionamos ponderações sobre o papel da família na transformação da qualidade do ensino, além de indicar possíveis soluções por meio de ações a serem realizadas em parceria escola- família- comunidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao conversar com esses alunos, observamos que, muitas vezes, a família não visita a escola e somente a procura quando o ano escolar já está perdido. Com isso, percebe-se que a escola e a família necessitam uma da outra para alcançar seu maior objetivo que consiste em fazer com que o educando/filho aprenda e conquiste um futuro melhor e, assim, construa e mantenha uma sociedade mais justa e igualitária, em que tenha vez e voz.

A escola precisa, antes de tudo, conhecer um pouco das famílias, observando seus comportamentos e atitudes, e incluí-las em todas as atividades possíveis, sem desvalorizá-la, através da compreensão de sua realidade, com interesse, respeito, abertura de pensamento para entender esses novos conceitos, procurar estratégias adequadas às necessidades do aluno oriundo dos mais diversos tipos de arranjos familiares.

A escola tem um papel característico e diferenciado das outras instituições sociais. Nela tem-se que cumprir a tarefa de transmitir determinados conhecimentos denominados escolares (MARTINS, 2004). Por sua vez, o êxito do processo educacional depende, e muito, da atuação e participação da família, que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando (TOSCANO, 1984).

O processo educativo, pedagógico, ocorre em todos os âmbitos da vida social, pela imersão dos indivíduos no ambiente familiar, no espaço cultural formador, pelas trocas informais, através dos meios de comunicação, através do trabalho. Contudo, é a escola a única instituição que tem o papel explícito de intervir nos processos de aprendizagem e, conseqüentemente, no processo de desenvolvimento dos indivíduos, através de uma atuação sistemática, provocando mudanças nesses processos e permitindo a reconstrução pelos sujeitos que a ela tem acesso, dos conhecimentos construídos pela humanidade ao longo de sua história (MARTINS, 2004).

Os primeiros meses e logo os primeiros anos de vida são importantíssimos na formação de atitudes e de hábitos, principalmente de caráter social. A velha concepção de que *"a criança não compreende nada, não sabe o que quer, não tem consciência do que se passa a sua volta"* está superada. O que se pode aceitar é que a visão do mundo que vai se organizando aos poucos, na mente infantil, não é igual a do adulto, o que é bem distinto de afirmar que ela não tem *"visão do mundo"* (TOSCANO, 1984, p. 93).

É certo que os papéis da família e da escola, antes prioritariamente repressores, modificaram-se ao longo das últimas décadas. Uma das principais diferenças refere-se à forma de transmissão do conhecimento, em que o medo, a imposição do respeito não imperam mais, seja no âmbito da escola ou da família. Os valores e padrões de comportamentos eram ensinados e cultivados em casa, enquanto na escola os conhecimentos didáticos (DI SANTO, 2006).

O processo ensino-aprendizagem se dá pela interação de diversos fatores que incluem a absorção de informações coletadas pelo indivíduo desde o nascimento. As práticas escolares se realizam de forma positiva ou negativa no aluno, independente do modo como essas práticas se dão, todos têm como finalidade promover o aprendizado.

Tem se observado que a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras, hábitos de alimentação, até hábitos de higiene pessoal

(DI SANTO, 2006). Segundo Di Santo (2006), os pais justificam tais atitudes alegando que trabalham cada vez mais, não dispendo de tempo para cuidar dos filhos. Além disso, acreditam que educar em sentido amplo é função da escola. E, contraditoriamente, as famílias, principalmente as desprivilegiadas, não valorizam a escola e o estudo, que antigamente era visto como um meio de ascensão social.

A escola reclama bastante da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela, e alega que isto a desviou da função de transmitir os conteúdos curriculares, sobretudo de natureza cognitiva (TOSCANO, 1984, p. 93). Por sua vez, os pais se recusam a comparecer à escola para ouvir sermões e serem instruídos a criar situações que possibilitem a aprendizagem de seus filhos, alegando que a função de ensinar conteúdos – criar situações de aprendizagem – é da escola, dos professores. Com isso, ao invés de ter as famílias como aliadas, a escola acaba afastando-as ainda mais do ambiente escolar.

A escola deve compreender que a família mudou, e é com essa família que deve trabalhar, e permitir sua maior participação, de forma que caminhem juntas, se responsabilizando mutuamente pela formação dos alunos. Para isso, é preciso ter clareza do que cabe a responsabilidade da escola e qual parte é responsabilidade da família (ARAÚJO, 1999, p. 157).

É certo que cada segmento apresenta reclamações e expectativas em relação ao outro. Diante dessa complexa situação que envolve a aproximação e inserção da família no âmbito escolar, apesar de se conceber um novo modelo de educação baseado na participação efetiva dos pais e da comunidade nas ações pedagógicas. Dentro deste contexto, outro problema entre a relação família-escola é a competência do professor, que muitas vezes não possuem disponibilidade para manter a sua formação em continuidade (DIOGO, 1995).

Uma realidade nas escolas é que os pais faltam as reuniões, quando participam, conversam paralelamente, atitudes que demonstram, de fato, o não interesse pela vida escolar dos filhos. Por outro lado, essas pessoas não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os

problemas que os educadores de seus filhos lhes entregam e/ou transferem nas reuniões. Por isso, é necessária uma sensibilização, uma preparação, como objetivo de fortificar e amparar as decisões de pais e educadores para que todos se sintam envolvidos no processo de educar os filhos/educando.

Nas palavras de Paro (2000, p. 65):

Quanto à falta de um necessário conhecimento e habilidade dos pais para incentivarem e influenciarem positivamente os filhos a respeito de bons hábitos de estudo e valorização do saber, o que se constata é que os professores, por si, não têm a iniciativa de um trabalho a esse respeito junto aos pais e mães. Mesmo aqueles que mais enfaticamente afirmam constatar um maior preparo dos pais para ajudarem seus filhos em casa se mostram omissos no tocante à orientação que eles poderiam oferecer, especialmente nas reuniões de pais, que é quando há um encontro que se poderia considerar propício para isso.

É necessário desdobrar ações que envolvam os pais no cotidiano escolar dos filhos, utilizando estratégias de acompanhamento diário das atividades e visitas constantes a escola para ter uma base mínima dos conteúdos e, desta forma, os pais saberem dos progressos dos filhos. E, caso necessário, agir no momento que a problemática aparece.

Em seu estudo, Paro (2000), mostra a importância da família no desempenho escolar dos filhos, e conclui que existe uma relação interdependente entre as condições sociais da origem das famílias e como elas se relacionam com as escolas. No que se refere ao progresso na aprendizagem escolar no estudo de Parreira; Marturano (1999) mostrou estar associado à supervisão e organização da rotina e comunicação na família em relação às experiências do dia a dia.

Espera-se que, no contexto atual da educação, projetos, planos e programas contemplem a participação efetiva dos pais numa parceria com os professores, sem os preconceitos e arcaísmos que condicionam e dificultam a construção de cooperações entre a escola, a família e a comunidade.

Percebe-se que parte dessas dificuldades se deve ao fato dos professores, que são considerados elementos essenciais nessa troca de

saberes entre família e escola, na realidade não receberam a capacitação adequada, e tampouco conseguem manter continuidade nas atividades realizadas em parcerias com a família. Nas três últimas décadas, a descontinuidade cultural entre a escola e a família tem vindo a ser apontada como um fator relevante do insucesso escolar (BRONFENBRENNER, 1988 *input* JUNGES, 2015; GERVILLA, 2009; JUNGES, 2015).

Segundo Diogo (1995, p. 57), apesar das ações pedagógicas e diretrizes vigentes incentivarem o envolvimento da família e da formação continuada dos professores, as problemáticas observadas não são superadas e as escolas parecem manter os seus padrões tradicionais de interação com as famílias. Para cada ação existe uma reação, e essa reação não está ocorrendo e, quando ocorre, não é feita de maneira satisfatória. O autor também cita, que parte de tais dificuldades é inerente ao paradigma educativo, que objetiva a prestação dos serviços de profissionais a clientes e não a formação de parcerias voltadas a aprendizagem.

Segundo Villas-Boas (2001), as melhores salas de aula são aquelas em que se observam melhores relações entre professores e os alunos e de uma maneira geral, essa boa relação não ocorre com os pais. No entanto, apesar da diversidade da atuação dos professores, estes aspectos constituem papéis vitais na inter-relação da escola com a família. Estas informações são semelhantes quando comparadas dentro do mesmo país e de país para país.

No estágio supervisionado realizado na Escola Ensino Médio Tancredo Nunes de Meneses, foi observado que com a mudança no andamento da aula, utilizando recursos didáticos mais atrativos e que permitiam melhor compreensão dos acontecimentos na área da Biologia – mas que podiam se estender a assuntos do cotidiano – é possível melhorar a qualidade da aula e aumentar a confiança dos alunos com os professores, resgatando os alunos de possíveis fugas que possam levar a evasão.

Diogo (1995, p. 156) define os professores em relação a diversidade com que eles discutem suas práticas pedagógicas, em quatro tipos:

(a) polivalentes (47%), os que estabelecem contactos formais ou informais com os pais; (b) minimalistas (25%), aqueles que se limitam a cumprir a legislação quando se torna estritamente necessário; (c) informais (12%), aqueles que preferem manter, apenas, contatos informais com os pais; e (d) tradicionalistas (16%), são aqueles que não gostam de discutir a sua prática pedagógica com os pais, mas que, sistematicamente, convidam os pais para, individualmente, discutirem o progresso do aluno.

Quanto às atitudes prevalentes dos professores, Gabriel (2000) verifica aspectos consensuais, embora limitados às características específicas de cada escola e da comunidade na qual está inserida. Dentro desse contexto, parece ser possível identificar as seguintes atitudes, segundo Gabriel (2000, p. 25-26):

1) Imagem negativa do papel da participação dos pais, tal como ele é exercido na atualidade. Os professores consideram que muitos dos problemas que os alunos enfrentam na escola têm origem no ambiente familiar, que os pais se demitem, frequentemente, do seu papel de educadores. O seu desinteresse leva-os a encarar a escola como um depósito. Entregam os filhos na escola, mas não a valorizam, não são capazes de apoiá-los nos seus trabalhos escolares nem impor um mínimo de regras necessárias à vida escolar. Não compram livros nem jogos educativos, estão ausentes, deixam os filhos entregues a si próprios ou a ver televisão. Assim, quase todos os professores "responsabilizam a vítima", atribuindo aos pais a responsabilidade pela ausência de envolvimento, interpretando essa ausência como desinteresse. Acresce que a imagem negativa é, muitas vezes recíproca e a tendência para generalizações também. 2) Relutância relativamente à participação dos pais na escola. Apesar de também criticarem os pais por não se interessarem pela vida escolar, receiam abrir as portas a "consumidores exigentes", considerando que a escola está ameaçada simultaneamente pela indiferença de uns e pela presença muito forte de outros.

Em contrapartida, observamos que os professores gostam de alunos de classe média que são estimulados por diversas formas de saber e tecnologia que eles têm acesso graças ao *capital econômico* e *social* dos seus pais. São crianças autônomas que lidam com o conhecimento como agentes e não passivamente. Desse modo, a escola contribui para a reprodução das

desigualdades sociais, visto que educadores trabalham com conceitos ideais de escola e família.

Sobre isto, afirma Gabriel (2000, p. 101):

[...] a temática da relação escola-família-comunidade continua a constituir um enorme iceberg que não deixa de ocultar questões, cuja necessidade de investigação parece ser necessária e urgente. Se a preparação considerada básica para todo o professor deve ser proporcionada antes de iniciar a sua atividade docente, ao longo dessa atividade ele deve ser estimulado ao autoaperfeiçoamento, de forma contínua, ao mesmo tempo em que deve ser proporcionado apoio permanente e cursos de atualização em sua área de atuação. Quanto a sua ação educativa, é importante que não divirja da dos pais e, assim, possa intervir diretamente na própria formação destes.

Vitiello, (2022, p. 52) fala: “Cada nova tecnologia, cada nova técnica traz em si um sem-número de possibilidades.” Desta forma o método pode ou não ser adequado, utilizando o lúdico ou métodos tradicionais de ensino. Precisa-se reconhecer que, independentemente do modelo como se apresenta, a família continua sendo o sustentáculo dos princípios e valores que formam o caráter e personalidade do indivíduo. E, o seu papel na formação dos aspectos formais, que antes eram apenas complementados pela escola, agora resume-se aos aspectos de afetividade e segurança.

Segundo Martins (2004, p. 13), a família influencia positivamente quando transmite afetividade, apoio e solidariedade, entretanto, quando se trata de ajudar pedagogicamente, geralmente é muito insuficiente. Também pode influenciar negativamente, quando impõe normas através de leis dos usos e costumes, que provoca a perda de criticidade que o aluno adquire na escola. Isto ocorre quando não são mostrados limites aos filhos, delimitações sobre o que é certo ou errado em relação a convivência com o outro.

A criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através de relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência, e por mais tempo, ou seja, os membros da família.

Considera-se que a família em sua relação com a escola participa da construção do sucesso escolar de maneiras variadas. Com isso, as ações podem ou não contribuir para a permanência dos filhos na escola. Alguns pais, por insegurança devido à falta de escolaridade, apresentam uma postura contrária à escola.

Deste modo, só numa relação de parceria entre família e escola, independente de classe social, incluídas dentro de um mesmo projeto que universalize os saberes de mundo, pode promover essa associação participativa.

De acordo com Libâneo (2000, p. 85), não se pode separar, desarticular a pedagogia familiar da pedagogia escolar. As ações educativas – sejam na escola, na família ou em outro ambiente – não acontecem isoladamente, uma influencia a outra implícita ou explicitamente, e se procederem de forma desarticulada pode levar ao fracasso escolar do aluno.

Todas as ações ao processo de aprendizagem devem ser equitativamente compartilhadas, resguardadas as devidas singularidades de cada segmento, para que todos sejam ouvidos de forma respeitosa, discutindo de maneira que o significado da palavra participar seja plenamente satisfeito.

Polity (2001, p. 122), observa em seu trabalho que mesmo que se conheçam todos os problemas que impedem os pais de participarem de maneira mais efetiva do processo de aprendizagem, deve-se reconhecer a importância crucial da participação dos pais na escola. É preciso ter clareza do que se entende por participar. Isto não se resume a estar presente em reuniões para ouvir informações que nem sempre são entendidas. Participar é bem mais que isso. É necessário que os pais interajam com a comunidade escolar, participe da construção do aprendizado e da formação do cidadão.

É preciso que isso de fato ocorra, é preciso que sejamos capazes de construir coletivamente uma relação de diálogo mútuo, em que cada parte envolvida tenha seu momento de fala, mas também de escrita, que exista uma efetiva troca de saberes (WINNICOTT, 1997). “A capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer

transmitir e para tal, faz-se necessário o desejo de querer escutar o que o outro tem a falar" (REIS, 2008).

Oliveira, (2022, p. 102) nos lembra que o conhecimento construído pela humanidade está a alcance das pessoas utilizando alguns cliques. Com isso, não basta só o conhecimento relacionados a sua prática profissional, também precisa ter: pensamento crítico, criatividade, empatia, capacidade de realizar julgamento, tomar decisões, negociar e resolver problemas complexos. Essas competências e habilidades dificilmente são desenvolvidas por meio da estratégia de ensino tradicionais, como as aulas expositivas. Não podemos esquecer que o conhecimento não é transmitido passivamente de uma pessoa para a outra, mas construído ativamente e cognitivamente pelo educando.

Os meios de comunicação de massa, como a televisão, têm mostrado a inversão de valores, onde não há mais respeito e bom senso. Os programas, as novelas, aos quais muitos estudantes vêm assistindo, demonstram, em sua maioria, que os fins justificam os meios, que o ter é mais importante que o ser, que nas palavras de alguns alunos "*tudo é possível, tudo é permitido, o importante é que não te peguem fazendo*".

Os mais otimistas acreditam que a mudança ocorreu devido a mudança do conceito de respeito que não está mais associado a temor. Os infortúnios sempre aconteceram, a diferença é que a rapidez com que a comunicação se desenvolve é bem mais acelerada que há alguns anos. O fortalecimento desta célula menor da sociedade, a família, por meio de uma melhor inter-relação pessoal, permitirá uma melhor compreensão do que desejamos, que é o melhoramento do desempenho escolar.

Precisamos estar atentos a essa interação e compreendermos o esforço empreendido pelos educadores e educandos brasileiros, no sentido de conquistar espaços para uma socialização democrática e sobre o papel que deve desempenhar não somente a escola atual, como também a família do século XXI.

Para Quast, (2022, p. 57) pensar na aprendizagem, em especial, na sala de aula, observamos que ela acontece em um ambiente complexo, onde o

conhecimento é produzido nas interações sociais, mediadas pela linguagem e por artefatos culturais. Ou seja, a nossa relação com aquilo que estamos aprendendo não é direta, mas (inter)mediada pelos outros que então indicam, delimitam, atribuem significados à realidade; é mediada também por artefatos culturais e que a chave da questão da aprendizagem não é meramente a interação e a mediação, mas a *qualidade* das interações e mediações.

A relação entre contexto escolar e familiar é fundamental para o processo de aprendizagem. É nos dois contextos que a família, juntamente com a escola, tem o papel de desenvolver a sociabilidade, a afetividade e o bem-estar físico dos indivíduos. A aprendizagem pode influenciar o comportamento inicial do aluno por meio das experiências vividas na escola, na rua e na família.

As aprendizagens com a família funcionam como uma plataforma de lançamento para outras aprendizagens necessárias a vida da criança. Sendo assim, atitudes familiares de envolvimento, compreensão e ajuda se tornam fundamentais, pois as crianças com dificuldades de aprendizagem escolar encontram-se numa situação de fragilidade psicológica que acaba dificultando seu progresso (PARREIRA; MARTURANO, 1999).

As reflexões sobre o agir pedagógico se fazem indispensável em virtude dos baixos índices do desempenho acadêmico de algumas escolas. Faz-se necessário o estudo sobre o tema aprendido concreto, especialmente quando os estudiosos relacionam em suas impressões e conceituações com base nas competências da escola e da família.

Fonseca (2002), em seu estudo fala que devemos ter noção de sujeito – o que representa esse "indivíduo" com o qual falamos, cuja história contamos, [...] possui emoções e categorias de percepção que se constroem dentro de circunstâncias (um lugar e um tempo) concretas, essas concepções são vistas como variáveis sócio-históricas e não constantes. O que o antes seria a causa que levaria a um efeito, no instante depois poderia levar a outro efeito.

Observa-se que os alunos estão treinados para responder as questões que são cobradas em provas. Qualquer outro questionamento construído de

forma a estimular o raciocínio do aluno será contemplado com insucesso, devido aos alunos ainda não estarem habituados a leitura e a compreensão de raciocínios matemáticos.

Seguindo as palavras de Fonseca (2002, p. 49-68):

[...] trabalhar com a ideia de um sujeito humano universal, cujos mecanismos psíquicos são basicamente os mesmos em qualquer lugar, implicaria na negação da unidade psíquica da espécie humana: a ideia de que todos nascem com as mesmas possibilidades de criatividade simbólica. Porém, prioriza o fato de que as emoções e categorias de percepção de um indivíduo se constroem dentro de circunstâncias (um lugar e um tempo) concretas – circunstâncias essas que incluem uma maneira particular de conceber os limites entre a infância e a vida adulta, as etapas de desenvolvimento psíquica, e até a própria noção de indivíduo, assim, essas concepções são vistas como variáveis sócio-históricas e não constantes.

De acordo com Perrenoud (2002, p. 18) é necessário criar ambientes favoráveis às avaliações da prática, espaço em que os alunos compartilhem suas produções e pensamentos, mostrando as muitas percepções, discussões, participações, partilhas e posicionamento em determinadas situações, até mesmo as conflituosas, na sala de aula.

De acordo com Nóvoa (2002, p. 36) o professor tem que possuir certos saberes, mas, esses são compreendidos de modo a poder intervir sobre eles, desestruturando-os e reorganizando-os. Os professores não são apenas executores, mas também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos, que podem adaptar seus conhecimentos as necessidades que apareçam. Os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos, capazes de construir o aprendizado de várias maneiras, adequando-o a realidade apresentada.

Ainda, segundo Fonseca (2002), o modelo nuclear é um conceito analítico que se manifesta não somente empiricamente em determinados casos, mas também como ideia bem definida no imaginário social. Devemos reconhecer que, hoje, o modelo nuclear não reina da mesma forma que há trinta anos. Há mudanças nos conceitos e formações, como rachaduras nas

edificações que antes eram conhecidas como ideais, mostrando situações que enchem a cabeça de um adulto, imagine de uma criança na idade escolar, ou mesmo um adolescente com todos os seus problemas e situações.

Seguindo as palavras de Perrenoud (2002, p. 18) “o desafio é ensinar, ao mesmo tempo, atitudes, hábitos, *savoir-faire*, métodos e posturas reflexivas”. Mostramos o quanto pode ser complexa a atividade do professor sem a compreensão da família, no que concerne a parceria tão desejada pela escola. Devemos lembrar que a função da escola não é de depósito, nem de passatempo, que ela tem a função de ajudar a construir cidadãos capazes de construir sonhos e realizá-los, dar condições de aprendizado que possam auxiliá-los em momentos atuais ou vindouros, mas que a família tem a sua participação direta nesse ensinamento.

A necessidade de todos os genitores da família ter que participar do mundo de trabalho causou uma falta de acompanhamento das atividades dos filhos/alunos. Não somente no que concerne a tarefas escolares, mas também a ações sociais, como com quem anda? Com quem se relacionam? Que ambientes frequentam? Uma das piores atitudes encontradas nos pais ocorre quando tentam compensar a falta de tempo de convívio com filhos com premiações um tanto inadequadas, e ao serem cobrados em atitudes mais efetivas, muitas vezes defendem o indefensável. Ensinando aos filhos que *os fins justificam os meios*.

A família sabe que todos os dias o filho sai para a escola, mas se realmente chegou, participou das aulas, essa certeza não tem e muitas vezes não se certifica na escola. No CEJA – Tianguá, encontramos pessoas que não tiveram oportunidade de terminar os estudos no tempo certo, entre eles estão pais e mães de família, como também, ex-presidiários, trabalhadores e alunos que perderam disciplinas em outras escolas. Muitos destes alunos que vem de outras escolas vem acompanhados pelos pais. Conversando com estes pais, eles me relataram o porquê do acompanhamento; alguns pais acreditam que sendo a escola inclusiva, seus filhos podem deparar com situações problemas, que poderia agravar mais ainda a situação deles. Enquanto, outros acreditam

que sua presença na escola, certificaria que seus filhos vão completar os estudos e normalizar sua situação na escola regular.

Entretanto, não se pode generalizar, existem pais que mesmo com pouco tempo ainda buscam mostrar a importância das virtudes de caráter e tentam vivenciar isso em família. Conversando com um aluno regular da escola, encontramos o outro lado, um pai-aluno, que tenta mostrar ao filho que estudar na época certa é mais fácil, não precisa se responsabilizar pela família, que as oportunidades podem ser mais bem aproveitadas, porque não possuem o cansaço de um dia de trabalho. Este pai-aluno nos falou das dificuldades que possui devido a esse cansaço físico e mental devido ao esforço diário, mas que viver é o melhor exemplo e que depois que voltou a estudar os seus filhos melhoraram o seu desempenho na escola. E que faz questão de levar toda a sua família as atividades da escola para que vejam o quanto a escola o transformou.

Antes de tudo, torna-se necessário que se conheça as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que os educadores e gestores do sistema educacional delas esperam. Para tanto, precisa-se de uma atitude menos afeita ao julgamento por parte dos educadores, sem o devido conhecimento de causa, e incorpore-se o espírito investigativo, buscando as reais necessidades dos alunos.

Acredita-se que a partir do momento que se é construída uma parceria entre família-escola-comunidade, podemos auxiliar nossos alunos no desenvolvimento de sua vida seja ela acadêmica, profissional ou social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a promoção de ações formadoras com profissionais especializados buscando organizar planejamentos que envolvam estratégias para atrair a família para escola, com a perspectiva de desenvolver práticas mais eficazes. Assim como, melhorar o desempenho dos alunos nas atividades escolares, estudando maneiras mais eficazes para garantir o êxito e a permanência do aluno na escola.

A partir dessas ações, sejamos capazes de envolver todos os participantes da comunidade escolar na reflexão de possíveis mudanças na postura de docentes e discentes diante da responsabilidade de um aprendizado mais significativo, com redução dos níveis de reprovações e até mesmo a redução do abandono escolar.

Também, espera-se que com a implementação de planos de ação, a comunidade escolar tenha força para refletir e buscar constantemente metodologias dinâmicas de forma que possamos reverter a realidade dos baixos índices do desempenho escolar.

Um dos pontos importantes é a inclusão das representações da equipe gestora, professores, pais e alunos no desenvolvimento dessas estratégias, delegando responsabilidade aos representantes dos segmentos a fim de garantir o trabalho cooperativo e incentivar o comprometimento de todos com a proposta, o que torna mais predisposto ao prosseguimento das ações referentes a maior participação da família como fator importante no desempenho dos educandos na escola.

Uma das maiores dificuldades da escola está em como abordar a família para trazê-la de forma efetiva para o ambiente escolar, permitindo que ela mostre suas perspectivas, anseios e em como abordar assuntos que relacionam a mudança de comportamento de seus filhos.

Um ponto crucial que pode impedir uma aproximação da família com a escola é a falta de interesse de alguns docentes e dos pais em participar das atividades escolares e da mudança de postura em face da nova proposta. Nessa perspectiva, devemos pensar alternativas atrativas que despertem o empenho de todos no engajamento e continuidade das ações propostas.

Essa busca pela melhor interação família-escola é antiga, mas, o estudo de metodologias e abordagens sempre nos leva a questionar nossas ações no ambiente escolar, não somente como formadores de opinião que somos, quanto educadores, mas como cidadãos preocupados com a nossa segurança e de nossos familiares.

Necessita-se avaliar sempre a condução da meta e redimensioná-la quando preciso. Por esta razão, a equipe gestora deverá registrar as observações das ações por meio de relatórios, de forma que possamos identificar razões que dificultaram ou facilitaram a concretização das ações e obtenção da meta.

As respostas a estes questionamentos nos levariam a indicativas de como deveríamos atuar para atrair a família a escola, e a partir da discussão junto aos pensadores poderíamos traçar estratégias para melhorar a atuação de nossos alunos e muitas vezes, rever nossas ações junto a escola. Desta forma, poderíamos transformar a escola em um ambiente mais agradável e propício ao desenvolvimento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. B. de. **Paidéia**: Educação, processo de vida. - a Vivência - Livro II. Ed. Scortecci, 1998. 369p.

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Ministério de Educação e Cultura. Diário Oficial da União, 1996.

BRONFENBRENNER, U. Strengthening family systems. In: ZIGLER, F. e FRANK, M. (1998) Eds. **The parental leave crisis**: Toward a national policy. New Haven, CT: Yale University Press, p. 143-160.

DI SANTO, J. M. R. Família e escola: uma relação de ajuda. Centro de Referência Educacional. **Palestra**. 2006. Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/liberato/psicologia/A%20PARTICIPACAO%20DA%20FAMILIA.htm.html>. Acesso em: 02 ago. 2023.

DIOGO, J. **Cultura da escola e Interação com a família**. Petrópolis: Vozes 1995.

FONSECA, C. Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. **Psicologia**. USP v.13 n.2, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/fxQjKZ6byk9xVz5BHsN7Ntg/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GABRIEL, C. T. **Escola e Cultura**. Uma articulação inevitável e conflituosa. Petrópolis: Vozes. 2000.

GERVILLA, A. **Familia y educación familiar**: conceptos, clave, situación actual y valores. Madrid: Narcea. p.208, 2009.

JUNGES, L. A. S. **A relação família-escola sob a perspectiva do professor de ensino fundamental.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130502/000975151.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 set. 2023.

LIBANEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez. 2000.

MARTINS, J. do P. **Princípios e método de orientação Educacional.** São Paulo: Campus. 2004.

NÓVOA, A. “Professor se forma na escola”. **Revista Nova Escola.** Formação. Edição 142, 2001. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevistaformacao-antonio-novoa>. Acesso em: 24 jul. 2023.

OLIVEIRA, S. O uso pedagógico do jogo de tabuleiro. In: Piccolo, P. T.; Carvalho, A. V. (Org), **Jogos de Tabuleiro na Educação.** São Paulo: Devir, 2022, p.101-111.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino:** A contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

PARREIRA, V. L. C.; MARTURANO, E. M. **Como ajudar seu filho na escola.** Embu - SP: Editora Ave-Maria, 1999. p. 28.

PERRENOUD, P. **A Prática Reflexiva no ofício de Professor:** profissionalização e Razão Pedagógica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 232p.

POLITY, E. **Dificuldade de Aprendizagem e Família** - Construindo Novas Narrativas. Editora: Vetor Editora Psico-Pedagogica Ltda.; 1ª edição, p. 168, 2001.

QUAST, K. O que está em jogo quando jogamos? In: PICCOLO, P. T.; CARVALHO, A. V. (Org), **Jogos de Tabuleiro na Educação,** São Paulo: Devir, 2022. p.54-64.

REIS, M. P. I. F. C. P. dos. **A relação entre pais e professores:** uma relação de proximidade para uma escola de sucesso. (Doutorado em Educação Infantil e Familiar Investigação e Intervenção Psicopedagógica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Infantil e Familiar Investigação e Intervenção Psicopedagógica, Universidade de Málaga, Espanha, 2008. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2238/1/PAULA.COLARES.Relacao.Pais.Professores.pdf>. Acesso em: 07 set. 2023.



TOSCANO, M. **Introdução à sociologia educacional**. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984. p.210.

VILLAS-BOAS, M. A. A relação escola-família-comunidade inserida na problemática da formação de professores. Palestra. *In: Modelos e Práticas de Formação inicial de professores*. Universidade de Lisboa. Lisboa (2001). Disponível em: <https://silo.tips/download/a-relacao-escola-familia-comunidade-inserida-na-problematICA-da-formacao-de-profes#>. Acesso em: 24 ago. 2023.

VITIELO, P. Adesão e resistência na experiência do jogar educativo, p.50-53. *In: PICCOLO, P. T.; CARVALHO, A. V. (Org), Jogos de Tabuleiro na Educação*, São Paulo: Devir, 2022. p.50-53.

Recebido em: 09 de outubro de 2023.
Aprovado em: 12 de outubro de 2023.
Publicado em: 28 de novembro de 2023.

